

A MAGIA EUROPEIA E A GINGA BRASILEIRA: DIÁLOGOS ENTRE O CORDEL E AS NOVELAS DE CAVALARIA EM *LAMPIÃO & LANCELOTE*¹

Felippe Nildo Oliveira de Lima²
UFCG

José Hélder Pinheiro Alves (Orientador)³
UFCG

RESUMO

Lampião & Lancelote (2006), de autoria de Fernando Vilela, retoma a tradicional intertextualidade entre duas expressões literárias aparentemente distintas: a poética dos versos dos folhetos nordestinos e as narrativas das novelas de cavalaria europeias. Conforme Cascudo (1979), as novelas de cavalaria foi um dos motivos desenvolvidos pelos poetas populares desde o início da difusão dos folhetos. Deste modo, personagens dos ciclos carolíngio e arturiano (FERREIRA, 1993) adentraram no imaginário do público leitor e ouvinte dos folhetos e tornaram o diálogo mantido entre essas expressões literárias digno de pesquisa nos estudos sobre Literatura de Cordel. A partir destes aspectos, pretendemos neste trabalho observar como se desenvolve em *Lampião & Lancelote* o confronto entre as duas formas e literaturas, a partir dos eixos temáticos que solidificam o enredo da obra, da sua iconografia e da construção das suas personagens centrais: o vulto histórico Lampião e a lenda do cavaleiro medieval Lancelote.

Palavras-chave: *Lampião & Lancelote*. Intertextualidade. Literatura de Cordel. Novelas de cavalaria.

¹ Trabalho desenvolvido a partir do projeto de pesquisa (PIBIC/CNPq/2014-2015) A Literatura de Cordel nos acervos do PNBE: 2008 a 2011.

² Email: felippeletras@gmail.com. Graduando em Letras – Português pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista de iniciação científica (CNPq) do projeto intitulado A presença do reconto em Literatura de Cordel nos acervos do PNBE: 2009 a 2013.

³ Email: helderpin@uol.com.br. Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande. Mestre e Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Atualmente dedica-se a pesquisas sobre poesia lírica, Literatura de Cordel e ensino de Literatura.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre as temáticas mais difundidas ao longo da constituição do sistema literário dos folhetos nordestinos, a presença das novelas de cavalaria da Idade Média europeia se apresenta com destacável importância, através de recriações feitas pelos poetas populares. Para que esses recontos entrassem no gosto popular, os poetas mesclavam caracteres próprios da cultura nordestina às histórias de cavaleiros e nobres de reinados longínquos e mágicos. Deste modo, como forma a aliar as histórias oriundas da Literatura Ocidental canônica aos padrões sociais perpetuados pela poética nordestina, figuras clássicas do medievalismo tradicional europeu, como

Cavaleiros andantes, paladinos cristãos, virgens fiéis e esposas heroicas ensinaram as perpétuas lições da palavra cumprida, a unção do testemunho, a valia da coragem, o desprezo pela morte e a santidade dos lares. (CASCUDO, 2000, p. 20).

Deste entremeio entre duas representações artísticas não muito divergentes, tanto que historicamente dialogaram entre si, surgiu a obra *Lampião & Lancelote*, do escritor Fernando Vilela, publicada em 2006 e integrante do acervo do PNBE, edição 2008. Livro direcionado ao Ensino Fundamental pelo referido programa governamental, *Lampião & Lancelote* chamou nossa atenção principalmente por “reatualizar” o contato temático e intertextual das narrativas de cavalaria com a forma literária do folheto nordestino.

Ao invés de simplesmente parodiar as narrativas europeias, a exemplo de tantos poetas populares anteriores a Vilela, o autor confrontou as duas manifestações literárias, da forma às personagens. A começar pela estruturação do texto, Vilela lançou mão tanto das sextilhas setessilábicas, em relação à fórmula editorial dos folhetos nordestinos, quanto das narrativas de cavalaria, ora em septilhas setessilábicas ora em prosa.

Além da escolha de duas formas distintas, Fernando Vilela trouxe para o enredo personagens que igualmente oscilam entre o mito e a realidade dos povos europeu e nordestino. Figuram na história: Lancelote, um dos cavaleiros da Távola Redonda do Rei Arthur, e Lampião, contraditoriamente herói e vilão, mas incontestavelmente um vulto histórico e muitas vezes mitificado por parte da sociedade nordestina. Vilela se utilizou igualmente das duas personagens para dar início a um enredo de duelos não só entre os heróis, mas, principalmente, entre diferentes culturas e literaturas igualmente importantes.

Pretendemos neste trabalho, a partir da análise estética, formal e iconográfica da obra de Fernando Vilela, observar como o autor construiu seu texto a partir do confronto do cordel e da novela de cavalaria. Tivemos como pontos de partida, mas também de chegada, as personagens centrais, o apoio imagético utilizado pelo autor e as temáticas que dão coesão ao enredo.

Vale salientar que as seções seguintes deste artigo englobam uma breve fundamentação teórica sobre a tradição das relações mantidas entre o folheto e a novelística europeia; a análise da obra, em seus aspectos formais, estéticos e iconográficos; as considerações finais; e, por fim, as referências bibliográficas com os autores que deram suporte a este estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A popularidade no interior do Brasil das novelas de cavalaria, textos oriundos do cânone literário europeu, foi algo destacado por alguns estudiosos da cultura popular e do folclore nordestinos. Câmara Cascudo, em *Cinco livros do povo* (1979), ressalta que a obra *A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, por exemplo, foi um dos livros mais conhecidos em regiões do Brasil que ficavam longe das grandes zonas urbanas, como fazendas, engenhos e litorais (CASCUDO, 1979, p. 441).

Vale salientar que esses textos circularam em maior intensidade durante o século XIX até as décadas iniciais do século XX. Nessa época, os interiores brasileiros, a exemplo do sertão nordestino, ainda possuíam baixos índices de domínio da escrita e da leitura. Desta forma, a comunicação entre os povos interioranos era feita primordialmente pela modalidade oral, manifestada a partir de transmissões orais do conhecimento e da produção artística do povo. Até mesmo as narrativas em verso, posteriormente editadas em folhetos, eram em sua maioria contadas e cantadas.

Sendo assim, as novelas de cavalaria, parte do patrimônio imaterial europeu difundido nas camadas populares brasileiras, ao entrarem em contato com a forte cultura oral nordestina, foram de grande valia à formação e à perpetuidade das nossas manifestações culturais àquela época.

As cantorias, por exemplo, trouxeram consigo durante muitos anos adaptações de trechos e temáticas das novelas de cavalaria. A título de exemplificação dessa influência, Cascudo (1979, p. 441) cita a *Batalha de Manuel Serrador com Josué Romano*, que traz motivos oriundos dos textos d'*A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*:

“– É como quiser:
Estou preparado...
Mesmo desarmado,
Dou em quem vier!
Se você tiver
Fôrça de Sansão,
Prêsa de leão,
Coragem dobrada,
Encontra uma espada
Igual à de Roldão!

– Você falou-me em Roldão...
Conhece dos Cavaleiros,
Dos Doze Pares de França,
Dos destemidos guerreiros?
Falarás-me alguma coisa

De Roldão mais Oliveiros?

*– Sei quem foi Roldão,
O Duque Reguiné...
E o Duque de Milão
E o Duque de Nemé...
Sei quem foi Galalão,
Bonfim e Geraldo,
Sei quem foi Ricardo
E Gui de Borgonha,
Espada medonha,
Alfanje pesado.*

*– Já sei que o colega sabe
Dêste acontecimento,
O que sofreu Carlos Magno,
Os seus enormes tormento...
Talvez conheça os Pares
Também algum casamento.*

*– Todos conquistaram
Pelejas cruéis,
E aos infiéis
Todos derrotaram;
Alguns se casaram
Com turca pagã
Pela fé cristã;
Roldão pela fôrça
Casou c'uma moça
De Abderramã!”⁴*

Mas a influência dessa manifestação artística europeia não ficou somente evidente nas cantorias nordestinas. Pouco tempo depois dessa aparição por meio dos cantadores, começaram a surgir folhetos impressos em larga escala que traziam em seu enredo adaptações de partes das novelas de cavalaria.

⁴ Mantivemos a ortografia original, transcrita por Câmara Cascudo.

Sob o poder de adaptação dos textos canônicos europeus, nossos poetas populares, além de verterem a prosa em versos tradicionalmente metrificados, adequavam o enredo das histórias do Rei Arthur e do Imperador Carlos Magno ao gosto do público ouvinte e leitor dos folhetos, endossando que, “ao contrário do poeta culto, o poeta popular é tanto mais importante para os seus ouvintes e leitores, quanto menos original se mostra, isto é, quanto menos rebelde às formas tradicionais e quanto maior soma de material e técnicas tradicionais reúne.” (FERREIRA, 1993, p. 22).

Ganha destaque dentre esses poetas, por exemplo, a figura icônica de Leandro Gomes de Barros, com os folhetos *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros*, ambos publicados nos anos iniciais do século XX. Além de Leandro Gomes de Barros, Câmara Cascudo elenca outros poetas populares que publicaram folhetos ancorados às novelas de cavalaria europeias:

Leandro Gomes de Barros versejou aproveitando motivos da HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO, “A batalha de Ferrabrás”, “A prisão de Oliveiros”. Com o mesmo título publicou João Martins de Ataíde folhetos populares. José Bernardo da Silva tem igualmente “A prisão de Oliveiros e seus companheiros” e Marcos Sampaio “A morte dos 12 Pares de França”. Todos êsses folhetos continuam sendo abundantemente vendidos no Nordeste e são datados, os três últimos, de 1949, Juazeiro, Ceará. (CASCUDO, 1979, p. 448).

Configurando-se em uma das muitas temáticas encontradas nos folhetos denominados atualmente no vasto campo da Literatura de Cordel, as novelas de cavalaria, em seus ciclos carolíngio ou arturiano (FERREIRA, 1993), são adaptadas para folheto pelo poeta popular seguindo uma série de cuidados. Se por um lado o poeta se utiliza de personagens, duelos e partes do enredo das novelas medievais, por outro há a necessidade do autor adequar seu reconto à estrutura tradicional do folheto e aos valores popularmente sancionados.

3. ANÁLISE DA OBRA

Lampião & Lancelote se divide em três partes. Na primeira, o narrador apresenta as personagens principais. Diversas qualidades próprias aos heróis, comuns tanto às novelas de cavalaria quanto aos folhetos, são ressaltadas nestas apresentações, que possuem fortes marcas da oralidade, ao se dirigirem aos ouvintes da história que começará a ser contada:

Meu povo peço licença
Para lhes apresentar
O primeiro personagem
Que vai aqui desfilar
Bom e nobre cavaleiro
Valoroso e altaneiro
Passa a vida a galopar

Ele é forte e delicado
Seu cavalo é todo branco
Trajado em armadura prata
Capa de bordado santo
A luz do sol se reflete
Feito dardo se arremete
Todos cegam de espanto

Agora vou lhes dizer
Este homem é tão forte
Que mesmo em fogo cruzado
Com o cavalo no pinote
Levanta a cabeça e luta
Espalha bravura arguta
O seu nome é Lancelote.
(VILELA, 2006, p. 2)

Agora eu lhes apresento

Um grande cangaceiro
Nascido em nosso país
Leal e bom companheiro
Para uns foi criminoso
Para outros justiceiro

Criado nas terras secas
Vaqueiro trabalhador
Cuidava de um ralo gado
Com coragem e com valor
Seu nome era Virgulino
Mas um dia veio a dor

Ao ver seu pai baleado
Ele partiu pra vingança
À frente dos cangaceiros
Se pôs logo em liderança
Bando de cabras armados
Ao inimigo com ganância!
(VILELA, 2006, p. 8)

Nobreza, bondade, força, bravura, lealdade e coragem são algumas das características que podem ser encontradas nos dois heróis, próprias do perfil de *cavalheiro*, incorporado das novelas europeias. Essa construção dos perfis de Lampião e Lancelote em muito se parece ao padrão de personalidade dos heróis dos folhetos nordestinos, que “é também bastante uniforme: são valentes, honestos, inteligentes, justos e fiéis. Raramente se faz alguma menção à sua beleza: quando se trata de homens, o aspecto fundamental é o caráter” (ABREU, 2004, p. 207).

Além da apresentação dos heróis, também são citados os núcleos das personagens secundárias que os cercam, como os cavaleiros, a donzela e a feiticeira Morgana, que se vinculam a Lancelote, e o bando de Lampião. Após a menção de todas essas personagens, Lancelote e Lampião são “invocados”, para que a história se desenvolva perante os olhos do leitor, a partir da segunda parte da obra:

De velhos contos e lendas
Lá da Távola Redonda
Invoco aqui este herói
Que venha como onda

E se espraie neste livro
De rosto sereno e altivo
Sem nada que o esconda
(VILELA, 2006, p. 7)

Montado no seu jumento
Cruzava todo o sertão
Leitor agora eu lhe falo
Preste muita atenção
Este homem foi guerreiro
Que inventou rebelião

Invoco este personagem
De nosso seco Nordeste
Desça logo neste livro
Venha cá Cabra da Peste
Mostre o que tem de melhor
Vem chegando e desembeste
(VILELA, 2006, p. 12)

Dá-se início, portanto, à etapa da história que consiste na travessia percorrida por Lancelote até seu encontro com Lampião. A priori, o cavaleiro medieval cavalgava tranquilamente em direção ao castelo do Rei Arthur, no início do Segundo Milênio, mas sem sair do obscurantismo medieval: “O Segundo Milênio já começara e o Ocidente vivia imerso nas trevas luminosas da Idade Média.” (VILELA, 2006, p. 14).

A atmosfera que envolve a personagem é de escuridão e de magia. Ao passar pelas terras do Vale Sagrado, morada de Morgana, que tinha uma paixão não correspondida por Lancelote, o herói é atingido por uma armadilha da feiticeira. Sem saber, Lancelote é vítima de um feitiço em forma de “uma densa e branca bruma.”

(VILELA, 2006, p. 14). A magia de Morgana simboliza o portal que fará a passagem do cavaleiro para o sertão nordestino:

Mas o glorioso cavaleiro não sabia, e nem poderia saber, que cada passo em direção à neblina misteriosa o levava a um obscuro portal, que rasgava o tecido do tempo e do espaço rumo ao futuro. Após passar pela densa nuvem, Lancelote descobriu-se em um lugar nunca visto. O calor do sol era tão forte que sua armadura branca de prata parecia antecipar-lhe as chamas do inferno. Mesmo assustado com a paisagem desértica, Lancelote continuou cavalgando. Em curto lapso de tempo, percebeu que a irascível feiticeira Morgana o havia lançado numa cruel armadilha. (VILELA, 2006, p. 14).

Há pouca distância de Lancelote, se encontrava Lampião. O cangaceiro, após um confronto com a polícia, também chamada de “bando de macacos”, descansava com seu grupo bem próximo ao lugar onde Lancelote cavalgava. Em busca de água, Lampião se distancia de seus parceiros. Desprevenidos, os heróis se encontram no sertão. O estranhamento de Lancelote, em uma terra árida e quente, muito diferente da sua, se parece com o estranhamento de Lampião, ao estar de frente ao cavaleiro saído do mundo fantástico medieval. Curiosos, mas não temerosos, os dois heróis iniciam um duelo. A seguir, escolhemos algumas estrofes das falas dos combatentes. De um lado, Lancelote louva sua valentia e zomba de Lampião. De outro lado, igualmente, Lampião se vangloria de suas virtudes e deprecia Lancelote:

“Pois para já eu lhe ordeno
Ó fantasma de metal
Encarnação do demônio
Grande embaixador do Mal
Logo se vê que fugiu
De um século medieval”
(VILELA, 2006, p. 25)

Lancelote ainda no susto
Vendo aquele cangaceiro

Berrou-lhe “quem é você
No meu caminho ó faceiro
Não empesteie o meu ar
Saia que eu quero passar
E respeite o cavaleiro”
(VILELA, 2006, p. 26)

“Ó donzelinho enfeitado
Todo coberto de ferro
Você não sabe quem sou
E já vai me dando um berro
Se eu quiser te mato agora
Neste chão eu te enterro”
(VILELA, 2006, p. 27)

“Que sujeito doido és tu
Com esse jeito de anão
Essa roupa toda em couro
É de vaca ou de bisão
E o ar caipira e tacanho
Mais este chapéu estranho
Que lembra Napoleão”

Lampião lhe respondeu
“Minha roupa é mais segura
Se me embrenho na caatinga
Espinho nenhum me fura
E se atiram eu me desvio
Das balas com formosura

Mas agora eu te pergunto
Sobre este monte de lata
Cobrindo todo teu corpo
Que armadura mais barata
Cem tiros eu te transformo
Num ralador de batata”
(VILELA, 2006, p. 29)

“Se você quer desafio
Saia de onde está montado
Meu cavalo é puro-sangue
Corre e galopa de lado
É veloz e faz de tudo
Mas teu jegue orelhudo
Não parece em bom estado”

“Aí é que você se engana
Meu burrinho é sabidão
Anda em todos os caminhos
Deste mundo, meu sertão
Fica dez dias sem água
Puro-sangue aguenta não”
(VILELA, 2006, p. 31)

Essa sequência de perguntas em muito se assemelha ao que podemos ver nas cantorias, manifestação artística oral do interior do sertão nordestino. Visando à vitória e ao reconhecimento de seu público, o cantador faz seus versos à luz da forma metrificada, desafiando seu oponente com adivinhas e o depreciando.

Em *Lampião & Lancelote* há a retomada da prática de duelo presente nas cantorias fundamentadas primeiramente “na caracterização do adversário como mau cantador, na descrição burlesca calcada em traços físicos – inclusive deficiências – ou na atribuição de qualidades morais tidas como negativas” (AYALA, 1988, p. 146) e em segundo lugar na exacerbação das próprias qualidades, a partir do exagero, para afirmar proezas e sobrepujar os heroísmos perante o público (FERREIRA, 1993, p. 84).

Não satisfeitos com o duelo verbal, os heróis partem para um combate físico, dando início à terceira parte da história:

“Vamos parar com essa prosa
Cansei de comparação
Venha logo me enfrentar
Tenho o mosquetão na mão”

E logo atrás surge inteiro
O bando de Lampião

Vendo tanta gente armada
Lancelote nem pensou
Invocou o velho Merlin
O feiticeiro ali chegou
E a corte do Rei Arthur
Feito um bando de urubus
Na caatinga aterrissou
(VILELA, 2006, p. 32-33)

A batalha entre os heróis e seus respectivos grupos desemboca em um confronto violento de ataques e mortes:

Cavaleiros da Europa
Contra cabras do sertão
Era lança flecha espada
Espingarda e facão
Muita armadura quebrada
Muita peixeira na mão

Quando a Morte ali chegou
O combate ficou sério
Os cactos se encolheram
Guerreavam dois Impérios
E os coveiros já cavavam
As valas nos cemitérios

Cabeças eram cortadas
Por muita espada e facão
Lancelote com sua lança
Varou uns quatro na mão
E Lampião pipocava
Cavaleiros sem perdão
(VILELA, 2006, p. 35-38)

Cenas de violência em combates entre grupos rivais ou entre o herói e a fera que o impede de conquistar o amor da bela donzela são recorrentes nas novelas de cavalaria. A partir de torneios ou de justas, os combates figuram nos enredos dessas narrativas medievais como o clímax das histórias, pois se configuram como “a própria razão para o andamento do que se relata, justificativa de ações, realização do imaginário, presidindo, de certo modo, ao próprio desenvolvimento global daquilo que é narrado.” (FERREIRA, 1993, p. 68).

Mas, em *Lampião & Lancelote*, o combate sangrento entre forças rivais, representado pelas batalhas das novelas de cavalaria, transforma-se, por um acaso, em gargalhadas:

Com toda essa violência
A poeira foi subindo
Era soco era paulada
Que os homens iam sentindo
Com aquela fumaceira
Todo mundo foi sumindo

Foi neste momento então
Que se ouviu uma risada
Mas como é que uma guerra
Podia ser engraçada?
E os gritos foram aos montes
Tornados em gargalhadas

Quando a poeira baixou
Estava tudo muito estranho
Lampião numa armadura
Que não tinha seu tamanho
E Lancelote trajava
Um uniforme tacanho
(VILELA, 2006, p. 38)

A mudança repentina do andamento da história, artifício da liberdade da criação literária utilizado por Fernando Vilela, mostra que no terreno da literatura até fatos sangrentos da história, como os duelos constantes no período medieval e os conflitos entre os cangaceiros e a polícia, quando utilizados pelo poeta, podem ser suscetíveis à ressignificação de seu conteúdo simbólico. Vilela transforma um confronto mortal em um ataque de risos, fazendo do aparente confronto um diálogo entre duas expressões culturais histórica e socialmente distintas, mas que já existia na tradição popular dos folhetos, como universo temático importante para a formação da poética nordestina de cordel:

Lampião sacou a sanfona
E bateu o pé no chão
“A batalha agora é outra”
Bradou o Rei do Sertão
“Vamos cantar Lancelote
Você agora é meu irmão”

Oiê muié rendera...
Oiê muié rendá
Tu me ensina a fazê renda
Que eu te ensino a namorá
(VILELA, 2006, p. 38-39)

Foi então que Lampião
Arriscou dançar *gavotte*
Pisou o pé de Guinevere
Quase deu nela um capote
Se sentiu medieval
Até que não se saiu mal
Misturou *estampie* com xote

Percival toca sanfona
E Corisco violino
Maria Bonita requebra
De sapato bico fino

Lancelote rodopia
Lampião vira menino
(VILELA, 2006, p. 42)

Meu povo aqui termina
Esta história verdadeira
Com baile, batalha e rima
Pondo abaixo uma barreira
Resultou numa geleia
Da magia europeia
Com a ginga brasileira.
(VILELA, 2006, p. 46)

Além da beleza estética oriunda dos versos de Vilela, a obra é ricamente ilustrada. O autor, também ilustrador da obra, além de contrapor duas formas literárias distintas, cria belas ilustrações que acompanham todo o enredo. As sextilhas, as septilhas e a prosa são seguidas por ilustrações nas cores metálicas cobre e prata que, conforme Vilela, no apêndice, foram baseadas tanto nas iluminuras medievais quanto nas xilogravuras populares (VILELA, 2006, p. 51).

O apelo ao iconográfico pode ser um fator facilitador da aproximação do público leitor com a literatura de cordel. Há na obra a junção de texto literário a imagens ricamente coloridas. Conforme Nelly Novaes Coelho (1991), essa junção entre a imagem e o texto literário na Literatura Infantil, como fez Fernando Vilela, aprimora a relação da criança com o signo literário e com os livros, ampliando o fascínio sensorial e estético do pequeno leitor pela arte literária, pois a ilustração,

pela força com que toca a sensibilidade da criança, permite que se fixem, de maneira significativa e durável, as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir. Se elaborada com arte ou inteligência, a *imagem* aprofunda o poder mágico da *palavra literária* e facilita à criança o convívio familiar com os universos que os livros lhe desvendam. (COELHO, 1991, p. 181)

Antes de fazer uma adaptação dos motivos das novelas de cavalaria para a forma canônica do folheto nordestino, Fernando Vilela aproxima as duas literaturas, suas temáticas e iconografias, resultando numa “geleia de magia e ginga cultural e literária”. Para isso, além de “beber” na fonte europeia, Vilela, no paratexto a que chamaremos de apêndice, cita alguns folhetos que o serviram de inspiração para a escritura da obra. São eles: *Lampião, Rei do Cangaço e a Negra Furacão, O Encontro de Lampião com Antônio Silvino, O Encontro de Lampião com Antônio Cobra Choca e A Briga da Mãe do Cão com Lampião do Inferno*, todos de José Costa Leite; o célebre *A Chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco; e, por fim, *A Surra que Lampião Levou*, de Francisco Zenio.

Bem embasado em autores populares da tradição dos folhetos, somando às suas leituras o contato com as personagens do mundo medieval europeu, a obra de Fernando Vilela surge no amplo ambiente assumido pelas atuais produções literárias destinadas ao público infanto-juvenil como resultado da rica junção de cores, tradições e poéticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a força da modalidade da literatura popular expressa pelos folhetos exerce grandes influências nos atuais escritores que se aventuram na criação de histórias a partir do uso da metrificação padronizada pelos poetas populares, do léxico adotado pela tradição nordestina e da recorrência de temáticas caras ao público leitor e ouvinte dos folhetos ao longo da história desta expressão literária.

Neste sentido, obras como *Lampião & Lancelote*, de certo modo, “reatualizam” a tradição dos folhetos nordestinos, ao propor ao público infanto-juvenil a imersão nas novelas de cavalaria, no tradicional ciclo do cangaço e nas cantorias, tendo como suporte um livro ricamente ilustrado e de farta beleza estética.

O diálogo entre formas literárias distintas, além do mais, não sobrepõe determinada expressão cultural em detrimento de outra, fato que ocorre com algumas

obras que trazem consigo “dívidas” em relação a culturas prestigiadas. Fernando Vilela, portanto, oferece às crianças e jovens leitores uma obra que, antes de atritar diferenças literárias, propõe trocas iguais entre culturas e expressões de povos distantes geográfica, social e historicamente. Assim como o faziam os poetas populares desde o início do século XX, em jogos intertextuais de duelos, bravura, lealdade e aventura, que muito circularam entre o povo nordestino.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – Relações entre folhetos de cordel e Literatura Erudita. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988. (Ensaio).

CASCUDO, Câmara. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1979.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Vaqueiros e cantadores**: folclore poético do sertão do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

FERREIRA, Jussara Pires. **Cavalaria em cordel**: o passo das águas mortas. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

VILELA, Fernando. **Lampião & Lancelote**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.